

RESUMO

A sinodalidade não é um caminho traçado de antemão e exige que estejamos abertos ao inesperado de Deus escutando os outros. Esta experiência nos toca, nos sacode e nos move interiormente como caminho de discernimento comum de uma assembleia que se enraíza na Eucaristia e que toma consciência de si mesma e começa a se mover junto. A sinodalidade é fundamentalmente um chamado à conversão para aspirar a produzir uma comunhão missionária de toda a Igreja a serviço do mundo. É um processo de natureza espiritual que se desenvolve ao longo do tempo. Embora necessite de um enquadramento e de uma estrutura, é, fundamentalmente, o caminhar da Igreja como Povo de Deus convocada pelo Senhor Jesus em o poder do Espírito Santo para anunciar o Evangelho.

Palavras-Chave: Sinodalidade. Igreja. Comunhão

ABSTRACT

Synodality is not a path laid out in advance and requires us to be open to the unexpected of God by listening to others. This experience touches us, shakes us and moves us inwardly as a path of common discernment of an assembly that is rooted in the Eucharist and that becomes aware of itself and begins to move together. Synodality is fundamentally a call to conversion in order to aspire to produce a missionary communion of the whole Church at the service of the world. It is a process of a spiritual nature that develops over time. Although it needs a framework and a structure, it is, fundamentally, the journey of the Church as the People of God called by the Lord Jesus in the power of the Holy Spirit to announce the Gospel.

Keywords: Synodality. Church. Communion

1. INTRODUÇÃO

A sinodalidade, retomada com vigor no pontificado do Papa Francisco, constitui hoje um dos eixos fundamentais para compreender o modo como a Igreja lê a si mesma, relaciona-se com seus membros e responde aos desafios contemporâneos. Seu objetivo central é renovar a experiência eclesial a partir do dinamismo do “caminhar juntos”, de modo que a comunhão, a participação e a missão deixem de ser apenas categorias teóricas e se convertam em práticas concretas, enraizadas na escuta recíproca e no discernimento comunitário. Em um tempo marcado por rápidas transformações culturais e pela necessidade urgente de uma presença evangelizadora mais dialogal, a sinodalidade desponta como caminho privilegiado para reavivar a identidade da Igreja como Povo de Deus guiado pelo Espírito.

O desenvolvimento deste artigo parte justamente dessa compreensão. No primeiro momento, destaca-se os três pilares para uma Igreja sinodal. Explora-se o chamado a viver a sinodalidade a partir do mistério da Trindade, fundamento da comunhão que sustenta todo o movimento eclesial. Depois, será apresentada a espiritualidade do “nós” eclesial, evidenciando como a participação ativa de todos os batizados exprime a dignidade comum e possibilita relações marcadas pela corresponsabilidade e pela escuta. No terceiro momento a sinodalidade estará como convite a processos permanentes de conversão e mudança, destacando a necessidade de um novo estilo de liderança pastoral, menos clerical e mais colaborativo, que favoreça uma Igreja capaz de discernir caminhos novos. Por fim, a concentração na escuta como dinâmica fundamental da vida eclesial, ressaltando que o processo sinodal não se reduz a estruturas ou consultas formais, mas exige disposição espiritual para acolher a ação do Espírito na diversidade do Povo de Deus.

Dessa forma, o artigo busca evidenciar que a sinodalidade não é apenas um método organizativo, mas um caminho teológico-espiritual que renova a identidade e a missão da Igreja. O método aplicado à construção deste texto é estritamente bibliográfico, fundamentado nos principais documentos magisteriais recentes — especialmente os produzidos pelo Papa Francisco, pela Comissão Teológica Internacional e pelos organismos vinculados ao Sínodo dos Bispos — que oferecem o arcabouço teórico e pastoral necessário para compreender a sinodalidade como horizonte de comunhão e renovação eclesial.

2. POR UMA IGREJA SINODAL: UM CHAMADO A VIVER NO SOPRO DA TRINDADE

A Igreja foi convocada para um Sínodo cujo lema é: Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão. O momento de reflexão para o início do percurso sinodal aconteceu em 9 de outubro de 2021, em Roma, e em 16 de outubro em cada Igreja particular. Uma novidade deve ser destacada: o evento terá a duração de dois anos e culminará com a celebração da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos em outubro de 2023, que reunirá o desenvolvimento e os acordos em suas várias fases (diocesana, nacional, continental, universal).

As três dimensões do lema são comunhão, participação e missão. Essas três dimensões estão profundamente inter-relacionadas. Eles são os pilares vitais de uma Igreja sinodal. Não há hierarquia entre eles. Em vez disso, cada um enriquece e orienta os outros dois. Há uma relação dinâmica entre os três que deve ser articulada levando em conta os três:

Comunhão: Deus nos une como povos diversos na mesma fé. A comunhão que compartilhamos encontra suas raízes mais profundas no amor e na unidade da Trindade. Todos nós temos um papel a desempenhar no discernimento e na vivência do chamado de Deus para o seu povo respeitoso dos outros.

Participação: Baseia-se no fato de que todos os fiéis são capacitados e chamados a servir uns aos outros por meio dos dons que cada um recebeu do Espírito Santo. Numa Igreja sinodal, toda a comunidade, na livre e rica diversidade dos seus membros, é chamada a rezar, ouvir, analisar, dialogar, discernir e aconselhar para tomar decisões pastorais que correspondam tanto quanto possível à vontade de Deus.

Missão: A Igreja existe para evangelizar. Nossa missão é testemunhar o amor de Deus no meio de toda a família humana. A sinodalidade é um caminho pelo qual a Igreja pode cumprir com mais fecundidade a sua missão evangelizadora no mundo, como fermento a serviço da vinda do Reino de Deus.

Com este apelo, o pontífice exorta toda a Igreja a discernir um novo modelo eclesial para o terceiro milênio, no qual se aprofunde o processo de aggiornamento iniciado pelo Vaticano II e responda às mudanças de época e eclesiais que estamos vivendo. Daí a relevância deste evento — talvez o mais importante da atual fase de recepção do Concílio Vaticano II sob o pontificado de Francisco — para desvendar e repensar as reformas necessárias à luz da sinodalidade. O encontro envolve aproximadamente 114 conferências episcopais de rito latino, o Conselho dos Patriarcas Católicos Orientais, seis sínodos patriarcais de igrejas orientais, quatro grandes sínodos arquiépiscopais e cinco conselhos episcopais internacionais. Assim, a forma institucional em que se realiza o Sínodo atesta a eclesiologia do Povo de Deus, ou seja, o modelo da Igreja das Igrejas.

O pontífice assegura que “o caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio. O que o Senhor nos pede, em certo sentido, já está contido na palavra ‘Sínodo’. Caminhando juntos — leigos, pastores, bispo de Roma”. A proposta vai além da reflexão que a Igreja pode fazer sobre um determinado tema: é uma revisão de sua própria essência. Isso significa repensar sua identidade, configuração e missão, e não apenas alguns de seus elementos operacionais.

A sinodalidade¹ perpassa pela missão da Igreja a exemplo da Trindade, uma comunhão perfeita

1 - A sinodalidade designa, antes de tudo, o estilo peculiar que qualifica a vida e a missão da Igreja, exprimindo a sua natureza como o caminhar juntos e o reunir-se em assembleia do povo de Deus convocado pelo Senhor Jesus na força do Espírito Santo para anunciar o Evangelho. Essa deve exprimir-se no modo ordinário de viver e operar da Igreja. COMISSÃO TEOLÓGICA

que reflete no “nós” eclesial. Uma comunidade formada por aqueles que acolhem e vivenciam a Palavra de Deus é chamada a buscar um sentido na espiritualidade e na organização eclesial. Falar com o povo e escutar o povo se torna a prática de uma relação movida pelo Espírito. Toda a Igreja, movida pelo Espírito de Deus contempla este caminhar junto que leva a sinodalidade.

Na Igreja busca-se muitas iniciativas que defendem a implementação em todos os níveis de uma Igreja mais sinodal². O Papa Francisco fez da sinodalidade um eixo eclesiológico principal de seu pontificado e o tema do próximo Sínodo dos Bispos. Assim, todos os batizados são chamados a serem promotores e atores da sinodalidade. Mas o que é exatamente a sinodalidade? Que visão de Igreja ela oferece? A que práticas ele nos chama?

Simplificando, a sinodalidade é muitas vezes apresentada a partir da etimologia da palavra “sínodo”, que vem do grego *συν-οδος* e pode significar “viajar ou caminhar juntos”. É caminhar juntos ouvindo o Espírito. Mas a sinodalidade, noção antiga cujo equivalente latino é concilium – concílio – designa uma assembleia de bispos. É uma noção rica e polimorfa que não tem uma definição plenamente estabelecida, porque a sinodalidade é um *modus vivendi et operandi* e “este *modus vivendi et operandi* realiza-se através da escuta comunitária da Palavra e da celebração da Eucaristia, da fraternidade de comunhão e da co-responsabilidade e participação de toda a Povo de Deus, nos seus diversos níveis e na distinção dos vários ministérios e funções, na sua vida e na sua missão”³. É, portanto, um estilo, uma prática, um modo de ser Igreja na história “à imagem da comunhão trinitária”. Como o Papa Francisco expressou aos membros da Comissão Teológica Internacional: “a prática da sinodalidade, tradicional mas sempre renovada, é a realização, na história do Povo de Deus a caminho, da Igreja como mistério de comunhão, à imagem da comunhão trinitária. Como sabem, este tema interessa-me muito: a

INTERNACIONAL. A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja, 70a (https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_po.html#Os_testemunhos_dos_Padres_e_a_Tradi%C3%A7%C3%A3o_no_Primeiro_Mil%C3%AAnio)

2 - A Igreja de Deus é convocada em Sínodo. O caminho, intitulado “Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão, iniciará solenemente nos dias 9-10 de outubro de 2021, em Roma, e a 17 de outubro seguinte, em cada uma das Igrejas particulares. Uma etapa fundamental será a celebração da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, em outubro de 2023, a que se seguirá a fase de execução, que envolverá novamente as Igrejas particulares. Com esta convocação, o Papa Francisco convida a Igreja inteira a interrogar-se sobre um tema decisivo para a sua vida e a sua missão: ‘O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milénio’. Este itinerário, que se insere no sulco da ‘atualização’ da Igreja, proposta pelo Concílio Vaticano II, constitui um dom e uma tarefa: caminhando lado a lado e refletindo em conjunto sobre o caminho percorrido, com o que for experimentando, a Igreja poderá aprender quais são os processos que a podem ajudar a viver a comunhão, a realizar a participação e a abrir-se à missão. Com efeito, o nosso ‘caminhar juntos’ é o que mais implementa e manifesta a natureza da Igreja como Povo de Deus peregrino e missionário. DOCUMENTO PREPARATÓRIO PARA O SÍNODO 2021-2023: Por uma Igreja sinodal. Comunhão, participação e missão, 1 (<https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2021/09/07/0540/01156.html#PORTOGHESEOK>)

3 - COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja, 70a (https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_po.html#Os_testemunhos_dos_Padres_e_a_Tradi%C3%A7%C3%A3o_no_Primeiro_Mil%C3%AAnio)

sinodalidade é um estilo, é caminhar juntos e é o que o Senhor espera da Igreja do terceiro milênio”⁴.

Essa noção antiga era, de fato, característica da Igreja primitiva, já que numerosos sínodos e concílios locais foram realizados nos primeiros séculos para que os bispos reunidos pudessem debater e discernir as decisões que deveriam ser tomadas em um contexto marcado por controvérsias e heresias que precisavam ser decididas. A sinodalidade tem suas raízes na Bíblia⁵ e, em particular, na referência muito citada ao Concílio de Jerusalém descrita em Atos 15. Este evento é considerado o “modelo paradigmático” de todos os concílios subsequentes⁶.

A mais moderna consideração e apropriação desta noção foi o resultado da recepção do Concílio Vaticano II. Com efeito, a criação do Sínodo dos Bispos por Paulo VI em setembro de 1965, durante a abertura da quarta e última sessão do Concílio, pretendia ser uma expressão da sinodalidade e um meio para prolongar a experiência da colegialidade vivida e desejada pelos Padres conciliares. Se sinodalidade e colegialidade participar do mesmo “dinamismo de comunhão” que é constitutivo da Igreja, hoje se distingue, em sentido técnico, entre colegialidade, no sentido de colegialidade episcopal – grande novidade do Vaticano II –, e sinodalidade, que é já não é apenas a expressão da colegialidade episcopal, mas envolve todos os fiéis da Igreja⁷.

4-PAPA FRANCISCO. Discurso do Papa Francisco aos membros da Comissão Teológica Internacional, 29 de Novembro de 2019 (https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/november/documents/papa-francesco_20191129_commissione-teologica.html)

5 - As fontes normativas da vida sinodal da Igreja na Escritura e na Tradição atestam que no coração do desígnio divino de salvação resplandece a vocação à união com Deus e à unidade nele de todo o gênero humano que se cumpre em Jesus Cristo e se realiza através do ministério da Igreja. Essas oferecem as linhas de fundo necessárias para o discernimento dos princípios teológicos que devem animar e regular a vida, as estruturas, os processos e os eventos sinodais. Sobre esta base, delineiam-se as formas de sinodalidade desenvolvidas na Igreja no decurso do Primeiro Milênio e, depois, no Segundo Milênio, na Igreja Católica, recordando alguns dados acerca da praxe sinodal vivida nas outras Igrejas e Comunidade eclesiais. COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja, 11 (https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_po.html#Os_testemunhos_dos_Padres_e_a_Tradi%C3%A7%C3%A3o_no_Primeiro_Mil%C3%AAnio)

6 - Os Atos dos Apóstolos atestam alguns importantes momentos no caminho da Igreja apostólica em que o povo de Deus é chamado ao exercício comunitário do discernimento da vontade do Senhor ressuscitado. O protagonista que guia e orienta este caminho é o Espírito Santo, efundido sobre a Igreja no dia de Pentecostes (At 2,2-3). É responsabilidade dos discípulos, no exercício das suas respectivas funções, colocar-se na escuta da sua voz para discernir o caminho a seguir (At 5,19-21; 8,26.29.39; 12,6-17; 13,1-3; 16,6-7.9-10; 20,22). São exemplos disso a escolha dos “sete homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria”, aos quais os Apóstolos confiam o encargo de servir às mesas (At 6,1-6), e o discernimento da crucial questão da missão junto aos Gentios (At 10). Tal questão foi tratada naquele que a tradição chamou “Concílio apostólico de Jerusalém” (At 15; Gl 2,1-10). Pode-se aí reconhecer a realização do evento sinodal, no qual a Igreja apostólica, em um momento decisivo do seu caminho, vive a sua vocação à luz da presença do Senhor ressuscitado em vista da missão. Este evento, ao longo dos séculos, será interpretado como a figura paradigmática dos Sínodos celebrados pela Igreja. COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja, 19-20 (https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_po.html#Os_testemunhos_dos_Padres_e_a_Tradi%C3%A7%C3%A3o_no_Primeiro_Mil%C3%AAnio)

7 - Em vista da revitalização da praxe sinodal no tocante à Igreja universal, o Beato Paulo VI institui o Sínodo dos Bispos. Trata-se de um “conselho permanente de Bispos para a Igreja universal”, sujeito diretamente e imediatamente à autoridade do Papa, ao qual “compete a função de dar informações e conselhos” e que “poderá também gozar de potestade deliberativa,

O Papa Francisco fez do Sínodo dos Bispos um instrumento importante em seu projeto de reforma eclesial com vistas à transformação missionária de toda a Igreja. Por isso, a sinodalidade cresce e se desenvolve como uma visão dinâmica da Igreja, uma Igreja centrada na misericórdia e chamada à conversão permanente. Portanto, sinodalidade, reforma da Igreja e conversão estão intrinsecamente relacionadas. Na Eucaristia celebrada em 9 de novembro de 2013 em Santa Marta, o Papa Francisco referiu-se ao desafio da Igreja nos seguintes termos: “*Ecclesia semper reformanda*. A Igreja precisa sempre se renovar porque seus membros são pecadores e precisam se converter”⁸.

A sinodalidade em sua prática e aplicação, traz em si o chamado à conversão pastoral. Portanto, pressupõe e requer atitudes espirituais. Pode-se até falar de uma espiritualidade da sinodalidade que é, de fato, uma espiritualidade de comunhão, como bem descreve o importante documento da Comissão Teológica Internacional sobre a sinodalidade na vida e missão da Igreja publicado em 2018 em uma seção dedicada à “espiritualidade da comunhão e formação para a vida sinodal”. Ele explica assim:

daqui brota a exigência de que a Igreja se torne ‘casa e escola de comunhão’. Sem a conversão do coração e da mente, e sem uma formação ascética para acolher e escutar uns aos outros, de pouco serviriam os mecanismos externos de comunhão, que poderiam mesmo transformar-se em simples máscaras sem coração nem rosto. Assim como a prudência jurídica, estabelecendo regras precisas de participação, manifesta a estrutura hierárquica da Igreja e evita tentações de arbitrariedades e pretensões injustificadas, a espiritualidade de comunhão dá alma à estrutura institucional, com um apelo à confiança e à abertura que respondem plenamente à dignidade e responsabilidade de cada membro do Povo de Deus⁹.

quando essa lhe tenha sido conferida pelo Romano Pontífice”. Tal instituição tem o objetivo de continuar a fazer chegar ao povo de Deus os benefícios da comunhão vivida durante o Concílio. São João Paulo II, por ocasião do Jubileu do ano 2000, traça um balanço do caminho realizado para encarnar, em conformidade com o ensinamento do Vaticano II, a própria essência do mistério da Igreja através das diversas estruturas de comunhão. Muito foi feito – sublinha – mas “muito resta ainda a fazer para exprimir do melhor modo a potencialidade destes instrumentos de comunhão (...) e responder com prontidão e eficácia aos problemas que a Igreja deve enfrentar nas mudanças tão rápidas do nosso tempo” COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja, 41 (https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_po.html#Os_testemunhos_dos_Padres_e_a_Tradi%C3%A7%C3%A3o_no_Primeiro_Mil%C3%AAnio)

8 - PAPA FRANCISCO. Missa matutina na capela Santa Marta (https://www.vatican.va/content/francesco/es/cotidie/2013/documents/papa-francesco_20131109_agua-iglesia.html)

9 - COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja, 107 (https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_po.html#Os_testemunhos_dos_Padres_e_a_Tradi%C3%A7%C3%A3o_no_Primeiro_Mil%C3%AAnio).

3. ESPIRITUALIDADE DO “NÓS” ECLESIAL

Para tornar possível este caminho juntos cheios do Espírito, a sinodalidade deve implementar uma prática conjunta de discernimento que “estime a geração e implementação de processos que nos edifiquem como povo de Deus”¹⁰ e vise a comunhão missionária. Em suma, pode-se dizer que a sinodalidade nos ajuda a passar do “eu” ao “nós”. Mas um “nós” que integra todo o “eu”, no singular, a partir de um processo inclusivo. É um “nós” em que cada “eu” é um ator. A sinodalidade significa, assim, redescobrir a prioridade do “nós” eclesial para servir o bem comum, reconhecendo que “a vida é um caminho comunitário onde as tarefas e as responsabilidades se dividem e compartilham em função do bem comum”¹¹.

A sinodalidade supõe que todos os batizados levem a sério seu batismo para serem protagonistas das orientações a serem seguidas e serem atores na missão da Igreja. Por isso, revive e fortalece em nós a dimensão eclesial constitutiva de nossa vocação batismal. A sinodalidade está profundamente ligada a uma eclesiologia do Povo de Deus, nela enraizada, sublinhando a igual dignidade de todos os batizados, todos os habitados pelo Espírito, todos os chamados e todos os discípulos missionários. Este modo de ser e viver na Igreja pede-nos que levemos a sério o *sensus fidei*¹² e, por isso, ouçamos a todos. Para o papel indispensável do Povo de Deus neste processo sinodal, o *sensus fidei* recupera sua função ativa, possibilitando a prática da escuta como princípio de uma Igreja verdadeiramente sinodal apoiada pelas Escrituras e pela Tradição Apostólica¹³. Desta forma, permite levar em conta a diversidade de vozes na Igreja. Como sustenta a Comissão Teológica Internacional, “as mesmas disposições exigidas para viver e amadurecer o *sensus fidei*, no qual todos os crentes estão marcados, são exigidas também para exercê-lo no caminho sinodal”¹⁴.

A sinodalidade nos pede para ver a Igreja com uma visão dinâmica e sistêmica, inclusiva e não competitiva, levando em conta a diversidade de carismas e enfatizando as relações e a comunidade, a escuta e o diálogo, a participação e a corresponsabilidade. Para isso, é importante a reciprocidade entre todos os membros e a circularidade entre os diversos pólos eclesiais. Há uma sinodalidade formal que se desdobra em estruturas e processos institucionais, como conselhos pastorais, sínodos ou

10 - PAPA FRANCISCO. Carta del Santo Padre Francisco al Pueblo de Dios que peregrina en Alemania (https://www.vatican.va/content/francesco/es/letters/2019/documents/papa-francesco_20190629_lettera-fedeligermania.html)

11 - PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia (https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html)

12 - PAPA FRANCISCO. Comemoração do cinquentenário da instituição do sínodo dos bispos. Discurso do santo Padre Francisco, 17 de Outubro de 2015 (https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html)

13 - COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. O Sensus Fidei na vida da Igreja, 68 (https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20140610_sensus-fidei_po.html#Cap%C3%ADtulo_3:_O_sensus_fidei_fidelium_na_vida_da_Igreja)

14 - COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja, 108 (https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_po.html#Os_testemunhos_dos_Padres_e_a_Tradi%C3%A7%C3%A3o_no_Primeiro_Mil%C3%AAnio)

conselhos, que expressam o caminhar juntos e se reunir em uma assembleia do Povo de Deus chamado pelo Senhor Jesus no poder do Espírito Santo para anunciar o Evangelho.

Além do formal ou estrutural, a sinodalidade deve “expressar-se no modo ordinário de viver e agir na Igreja”¹⁵. A sinodalidade é, portanto, um processo espiritual que deve ser promovido desde a base nas igrejas locais e em todos os níveis. É um modo de vida que incentiva e desenvolve a participação e a colaboração entre todos. Nesse sentido, a sinodalidade permite que todo o Povo de Deus caminhe junto, ouvindo o Espírito Santo e a Palavra de Deus, para participar da missão da Igreja na comunhão que Cristo estabelece entre nós. Em suma, este caminho de caminhar juntos é a forma mais eficaz de manifestar e pôr em prática a natureza da Igreja como Povo de Deus peregrino e missionário.

Viver à luz deste estilo e prática sinodal implica cultivar e desenvolver atitudes espirituais: escuta, diálogo, empatia, partilha, liberdade interior e liberdade de expressão. Também a humildade, a busca da verdade e, sobretudo, a fé e a confiança em Deus, ancoradas na oração e na Eucaristia. Temos que confiar no Espírito Santo que sopra em cada um e no grupo que caminha junto, porque é, antes de tudo, uma experiência do Espírito, um caminho aberto e não traçado de antemão. Antes, tecida pelo encontro, pelo diálogo e pela partilha que amplia e muda a visão de cada um. É um caminho de humanidade e fraternidade que nos torna uma “família” e constitui uma comunidade¹⁶.

4. UM CHAMADO PARA MUDAR

À luz do exposto, pode-se dizer que a sinodalidade é aceitar fazer uma viagem, viver como peregrinos em uma Igreja que peregrina nesta terra. A sinodalidade é sempre uma experiência de encarnação que nos coloca em sintonia com a realidade, com os gritos e necessidades do mundo. É “uma maneira de ser e trabalhar juntos, jovens e velhos, escutando e discernindo, para alcançar opções pastorais que respondam à realidade”¹⁷. Estamos diante de um chamado à mudança que é característico de uma Igreja em movimento. É como uma “dança conjunta” na qual todos, pastores e fiéis, através de um diálogo vivo e de uma partilha confiante, se movem em relação aos outros, escutando o outro e a música do Espírito.

15 - COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja, 70a (https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_po.html#Os_testemunhos_dos_Padres_e_a_Tradi%C3%A7%C3%A3o_no_Primeiro_Mil%C3%AAnio)

16 - A Eucaristia “cria comunhão e propicia a comunhão” com Deus e com os irmãos. Gerada pelo Cristo mediante o Espírito Santo, a comunhão é participada por homens e mulheres que, possuindo a mesma dignidade de batizados, recebem do Pai e exercem com responsabilidade diversas vocações – que brotam do Batismo, da Confirmação, da Ordem sacra e de específicos dons do Espírito Santo – para formar um só Corpo dos muitos membros. A rica e livre convergência dessa pluralidade na unidade é aquilo que deve ser ativado nos eventos sinodais. COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja, 109d (https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_po.html#Os_testemunhos_dos_Padres_e_a_Tradi%C3%A7%C3%A3o_no_Primeiro_Mil%C3%AAnio)

17 - PAPA FRANCISCO. Angelus, 28 de Outubro de 2018 (https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2018/documents/papa-francesco_angelus_20181028.html)

Para o desejo de sinodalidade é necessário entrar numa atitude ajustada ao diálogo e à partilha, tanto falar com coragem e franqueza, ou seja, integrar liberdade, verdade e caridade, bem como a humildade da escuta. A sinodalidade não pode ser desenvolvida na Igreja sem formação no discernimento, porque pressupõe saber reconhecer aqueles frutos do Espírito que são também frutos da sinodalidade: alegria, paz, zelo missionário, comunhão, desejo de compromisso, amor ao próximo e para a Igreja.

Ao ser implementada em todos os níveis da Igreja, local e universal, a sinodalidade precisa de líderes capazes de liderar e acompanhar os processos sinodais, porque no regime católico não há sinodalidade sem primazia. Ainda mais, porque a Igreja Católica contém estruturalmente um princípio hierárquico, pode-se dizer que a sinodalidade não pode se desenvolver em todos os níveis sem o serviço da presidência¹⁸. Este é, sem dúvida, um dos maiores desafios para colocar em prática a sinodalidade, pois supõe um modelo de pastoral sinodal. A Igreja hoje precisa de pastores formados nessa mentalidade para que possam exercer um novo estilo de liderança que possa ser caracterizado como liderança colaborativa, não mais vertical e clerical, mas mais horizontal e cooperativa. É uma liderança de serviço que se traduz numa nova relação com o poder e numa nova forma de exercer a autoridade que a concebe como serviço da liberdade. É uma certa forma de acompanhar colocando-se no meio dos outros, com eles, numa corresponsabilidade que busca a participação de todos. Isso requer, portanto, a integração e implementação de um senso de autoridade visto como uma força geradora de libertação da liberdade¹⁹ e não como um poder de imposição. Seguindo o exemplo do Papa Francisco, no que diz respeito à liderança para uma Igreja sinodal, os líderes pastorais chamados a ser pastores e discípulos são desafiados a abraçar certas palavras-chave, como proximidade, disponibilidade, confiança, reciprocidade. Tudo isso sem esquecer a responsabilidade de manter o objetivo da sinodalidade, que é construir um povo, uma comunidade fraterna e missionária a serviço do bem comum da sociedade.

Pode-se entender a sinodalidade como processo de conversão – é, na realidade, uma arte, a do discernimento que acolhe e nomeia a vida do Espírito para fazer da Igreja um barco em movimento. É a arte de uma Igreja que se deixa renovar para ser cada vez mais uma Igreja relacional, inclusiva, dialogante e geradora, ou seja, uma Igreja emergente que renasce constantemente com e por quem a mantém viva. Nas paróquias, pequenas comunidades cristãs, movimentos e associações leigas, comunidades religiosas e outras formas de comunhão, mulheres e homens, jovens, crianças e idosos, todos somos convidados a ouvir uns aos outros para ouvir os impulsos do Espírito Santo, que vem guiar nossos esforços humanos, infundindo vida e vitalidade na Igreja e nos levando a uma comunhão mais profunda para nossa missão no mundo discernimento no caminho de nos tornarmos a Igreja que Deus nos chama a ser.

18 - O primado em sentido estrito refere-se ao primado próprio do Bispo de Roma. Todo Sínodo dos Bispos é realizado sub Petro et cum Petro, presidido pelo Papa.

19 - PAPA FRANCISCO. Sínodo dos Bispos. XV Assembleia geral ordinária: Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. Documento final, 27 de Outubro de 2018, 71 (https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20181027_doc-final-instrumentum-xvassemblea-giovani_po.html)

A sinodalidade, quando levada a sério, não é um enfeite vocabular nem apenas um novo modo de organizar reuniões eclesiais; ela implica um verdadeiro processo de mudança e de desenvolvimento pastoral e missionário. Na raiz, ser uma Igreja sinodal significa aceitar que o Espírito Santo conduz a Igreja na história por meio de um caminhar conjunto, que supõe escuta, discernimento, revisão de práticas e coragem de conversão. Nesse sentido, a sinodalidade é inseparável da lógica do *Ecclesia semper reformanda*: uma Igreja que, permanecendo fiel ao depósito da fé, se deixa continuamente purificar, ajustar e renovar para anunciar o Evangelho com mais verdade e eficácia.

Como processo de mudança, a sinodalidade mexe com mentalidades, estruturas e estilos de exercício da autoridade. Ela desloca o centro da vida eclesial de uma lógica meramente funcional ou burocrática para uma lógica de comunhão e corresponsabilidade. Caminhar sinodalmente implica rever a forma como os conselhos pastorais são constituídos e ouvidos, como as decisões são tomadas, como as paróquias se organizam, como os leigos são efetivamente integrados nos processos de discernimento. Não se trata apenas de “consultar o povo” para legitimar decisões já tomadas, mas de reconhecer que todo o Povo de Deus, em virtude do batismo, participa do *sensus fidei* e tem algo real a oferecer para o discernimento e a formulação de caminhos pastorais.

Nesse horizonte, a sinodalidade tem um impacto direto no desenvolvimento pastoral. Uma pastoral sinodal não nasce de agendas impostas de cima, mas de processos em que a comunidade lê, à luz da Palavra de Deus, a própria realidade concreta: suas feridas, suas potencialidades, seus desafios missionários. A escuta dos diversos sujeitos eclesiais – leigos, jovens, idosos, consagrados, ministros ordenados – permite identificar prioridades, reorientar práticas, superar estruturas estéreis e criar novas formas de presença e serviço. O planejamento pastoral, quando iluminado pela sinodalidade, deixa de ser um exercício teórico e passa a ser fruto de um discernimento comum, que busca responder à pergunta: “Como o Senhor está nos pedindo para anunciar o Evangelho aqui e agora?”

Ao mesmo tempo, a sinodalidade impulsiona um desenvolvimento missionário. Uma Igreja que aprende a escutar dentro de si é mais capaz de escutar também “fora de si”: as dores do mundo, os clamores dos pobres, as interrogações culturais, as novas linguagens e sensibilidades. O caminho sinodal educa a comunidade a sair da autorreferencialidade e a abrir-se ao diálogo com a sociedade, com outras confissões cristãs e com aqueles que não creem, favorecendo uma missão mais encarnada e menos abstrata. Essa dinâmica sinodal conduz a uma missão que não é delegada a poucos “especialistas”, mas assumida por todo o Povo de Deus, em diferentes ambientes – família, trabalho, universidade, espaços digitais, periferias geográficas e existenciais.

Por fim, compreender a sinodalidade como processo de mudança e de desenvolvimento pastoral/missionário significa reconhecer que ela exige tempo, paciência e perseverança. Não se trata de um “projeto pontual”, mas de um estilo permanente de ser Igreja, que supõe formação para o discernimento, amadurecimento da cultura da escuta e conversão constante dos corações e das

estruturas. Quando vivida assim, a sinodalidade deixa de ser um slogan e se torna, de fato, caminho concreto de renovação pastoral e de fecundidade missionária para a Igreja no contexto atual.

5. A ESCUTA COMO DINÂMICA EXPRESSIVA DA VIDA ECLESIAL

O processo sinodal é sobretudo um processo espiritual. Não é um exercício mecânico de coleta de dados ou uma série de reuniões e discussões. A escuta sinodal está orientada para o discernimento pessoal e comunitário. Ouvimos uns aos outros, nossa experiência de fé e os sinais dos tempos para discernir o que Deus está dizendo a todos nós. O discernimento comunitário ajuda a construir comunidades florescentes e resilientes para a missão da Igreja hoje. O discernimento é uma graça de Deus, mas requer a nossa participação humana de maneiras simples: rezar, refletir, prestar atenção à própria disposição interior, ouvir e falar uns aos outros de forma autêntica, significativa e acolhedora. O processo e discernimento é o objetivo, então a participação é o caminho. Incentivar a participação nos leva a sair de nós mesmos para envolver outros que têm pontos de vista diferentes dos nossos. Ouvir aqueles que têm os mesmos pontos de vista que nós, não dá frutos. O diálogo envolve a união de opiniões diversas. Na verdade, Deus muitas vezes fala através das vozes daqueles que podemos facilmente excluir, deixar de lado ou descartar. Devemos fazer um esforço especial para ouvir aqueles que podemos ser tentados a ver como sem importância e aqueles que nos forçam a considerar novos pontos de vista que podem mudar nosso pensamento.

Inspirado pela busca de novas formas de proceder sob a proteção desta eclesiologia, Francisco descreve com as seguintes palavras o modelo eclesial a que aspira: “Uma Igreja sinodal é uma Igreja da escuta, ciente de que escutar “é mais do que ouvir”. É uma escuta recíproca, onde cada um tem algo a aprender. Povo fiel, Colégio episcopal, Bispo de Roma: cada um à escuta dos outros; e todos à escuta do Espírito Santo, o “Espírito da verdade” (Jo 14, 17), para conhecer aquilo que Ele “diz às Igrejas” (Ap 2, 7)”²⁰.

O exercício da escuta é essencial em uma eclesiologia sinodal porque parte do assentimento à identidade dos sujeitos eclesiais — leigos, sacerdotes, religiosos, bispos, papas — fundadas em relações horizontais que têm sua razão de ser na radicalidade da dignidade batismal e na participação no sacerdócio comum de todos os fiéis²¹. A Igreja como um todo se qualifica por meio de processos de escuta em que cada sujeito eclesial contribui com algo que completa a identidade e a missão do outro²², e o faz a partir do que é mais pessoal²³. Esse horizonte exige passar do modelo de relações desiguais, por superioridade e subordinação, para a lógica da “necessidade recíproca”²⁴.

20 - PAPA FRANCISCO. Sínodo dos Bispos. XV Assembleia geral ordinária: Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. Documento final, 27 de Outubro de 2018, 122 (https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20181027_doc-final-instrumentum-xvassemblea-giovani_po.html)

21 - LUMEN GENTIUM, 10

22 - APOSTOLICAM ACTUOSITATEM, 6

23 - LUMEN GENTIUM, 31

24 - A finalidade da primeira fase do caminho sinodal é favorecer um amplo processo de consulta, para recolher a riqueza

Roberto Marcelo da Silva
Pós-doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e psicanalista formado pela Associação Brasileira de Filosofia e Psicanálise. Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia Sistemática

A sinodalidade não só oferece um modelo de intercâmbio e consulta, mas sobretudo permite que todos participem, segundo a sua categoria, num trabalho comum. Assim, este conceito garante uma participação ordenada e orgânica, tendo em conta a diversidade de funções. A sinodalidade tem o mérito de permitir que todos participem da diversidade e originalidade de presentes e serviços. Mais especificamente, a sinodalidade expressa o estado de cada pessoa, estado que resulta dos sacramentos: batismo-confirmação e ordem²⁵.

Esse é o espírito da Comissão Teológica Internacional, pois podemos dizer que ser ouvido é um direito de todos, mas ouvir conselhos é dever de quem exerce autoridade.

(...) uma Igreja sinodal é uma Igreja participativa e corresponsável. No exercício da sinodalidade, é chamada a articular a participação de todos, segundo a vocação de cada um, com a autoridade conferida por Cristo ao Colégio Episcopal presidido pelo Papa. A participação baseia-se no fato de que todos os fiéis são capacitados e chamados para que cada um ponha a serviço dos outros os respectivos dons recebidos do Espírito Santo²⁶.

Mas ouvir também tem outra perspectiva. Através de sua intermediação é possível assistir a um processo de reconfiguração dos modelos teológico-culturais da organização eclesial. Francisco explica que um povo é ouvido em um lugar e em um tempo “para saber o que o Espírito ‘diz às Igrejas’ (Ap 2,7)” e para encontrar modos de proceder de acordo com cada época. O Sínodo para a Amazônia lembrou isso ao ratificar que a Igreja “reconfigura sua própria identidade ouvindo e dialogando com as pessoas, realidades e histórias de seu território”²⁷. E o faz, como sustenta o Concílio, discernindo “como os costumes, o sentido da vida e a ordem social podem ser conciliados com os costumes manifestados

das experiências de sinodalidade vivida, nas suas diferentes articulações e aspetos, envolvendo os Pastores e os Fiéis das Igrejas particulares em todos os diversificados níveis, através dos meios mais adequados, em conformidade com as realidades locais específicas: a consulta, coordenada pelo Bispo, destina-se “aos Presbíteros, Diáconos e Fiéis leigos das suas Igrejas, individualmente ou associados, sem transcurar a valiosa contribuição que pode vir dos Consagrados e das Consagradas” (EC, n. 7). De maneira particular, solicita-se a contribuição dos organismos de participação das Igrejas particulares, especialmente do Conselho presbiteral e do Conselho pastoral, a partir dos quais verdadeiramente “pode começar a tomar forma uma Igreja sinodal”. Será igualmente preciosa a contribuição das outras realidades eclesiais às quais o Documento Preparatório for enviado, assim como daqueles que quiserem enviar diretamente a própria contribuição. Finalmente, será de importância fundamental que encontre espaço também a voz dos pobres e dos excluídos, e não somente daqueles que desempenham alguma função ou responsabilidade no seio das Igrejas particulares. (Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão - DOCUMENTO PREPARATÓRIO PARA O SÍNODO 2021-2023: Por uma Igreja sinodal. Comunhão, participação e missão, 31 (<https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2021/09/07/0540/01156.html#PORTOGHESEOK>); LUMEN GENTIUM, 32

25 - ROUTHIER, Gilles. Évangile et modèle de sociabilité. In: Laval Théologique et Philosophique 51/1 (1995), p. 69.

26 - COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja, 67 (https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_po.html#Os_testemunhos_dos_Padres_e_a_Tradi%C3%A7%C3%A3o_no_Primeiro_Mil%C3%AAnio)

27 - APA FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia, 66 (https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html)

pela revelação divina”²⁸. Nesta perspectiva, o nosso Sínodo sobre a sinodalidade pode ser visto como o início de um caminho chamado a defender “uma acomodação mais profunda em toda a esfera da vida cristã”²⁹.

Em harmonia com a necessária eclesiogênese das Igrejas particulares, e para tocar os sentimentos de toda a Igreja Universal, nosso Sínodo deixa de ser um evento e se torna um processo que começa com uma fase diocesana e que poderia representar o surgimento de um convite à sinodalidade de toda a Igreja. Isso, se os esforços para a recuperação da eclesiologia das Igrejas locais e seu trabalho de transformação são sinceramente bem-vindos. Isso abriria um processo no primeiro nível do exercício da sinodalidade, como afirmou o Cardeal Mario Grech, secretário geral do Sínodo dos Bispos: “Considerando que as Igrejas particulares, nas quais e a partir das quais existe a una e única Igreja Católica, contribuem efetivamente para o bem de todo o corpo místico, que é também o corpo das Igrejas³⁰, o processo sinodal pleno só realmente existe se as Igrejas particulares nela estiverem envolvidas³¹”.

As repercussões desta opção são importantes. Um deles implica a renovação da identidade e da missão do ministério hierárquico inserindo sua “razão de ser e exercício no Povo de Deus, entendendo suas identidades como fiéis dentro de um nós eclesial. Isso confere ao hierárquico um caráter de serviço transitório, histórico temporal ao invés de ontológico, mas não escatológico ou autorreferencial”³². Em outras palavras a Igreja não só fala ao Povo de Deus, mas também escuta este Povo no qual Cristo continua o seu ensinamento.

O novo modo eclesial de proceder deste Sínodo, a partir de uma primeira fase diocesana, implicaria que os bispos não só escutassem o povo de Deus, mas nele se imergissem e juntos discernissem e tomem decisões pastorais. Isto significa, seguindo o texto da *Lumen Gentium*, que todos os fiéis, “desde os Bispos até os últimos fiéis leigos, dão o seu consentimento universal em matéria de fé e costumes”. O que está em jogo não é o sentimento de cada bispo, mas o sentimento de toda a Igreja, ou melhor, o *sensus ecclesiae totius populi*. Desta forma, devem ser favorecidas as mediações institucionais que não só permitam acolher e discernir a escuta, mas também que seus resultados sejam vinculantes aos processos de mudança necessários à renovação da instituição eclesiástica.

Portanto, o ato de ouvir por si só não qualifica o processo eclesial, mas com efeito o faz quando se realiza no âmbito de uma participação representativa dos fiéis nos espaços de discernimento

28 - AD GENTES, 22

29 - Idem

30 - LUMEN GENTIUM, 23

31 - PAPA FRANCISCO. Carta de apresentação do itinerário sinodal aprovado pelo Papa Francisco na audiência concedida ao Cardeal Mario Grech, secretário geral do Sínodo dos Bispos, 24 de Abril de 2021 (<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2024/documents/20240222-lettera-card-grech.html>)

32 - LUCIANI, Rafael; NOCETI, Serena. Colegialidad, sinodalidad y eclesialidad. Un camino para profundizar en la recepción del Vaticano II. In: New Life 3220 (2021) 24-30, p. 26.

conjunto, aqueles encontros em que se tomam decisões eclesiais que expressam o consenso de todos. O Documento Preparatório para o Sínodo sobre a sinodalidade ecoa este processo: “em estilo sinodal, as decisões são tomadas pelo discernimento, com base em um consenso que nasce da comum obediência ao Espírito³³”. Com esta visão, temos uma típica redescoberta do Povo de Deus como sujeito ativo de toda a vida e missão da Igreja no seu assentimento às propostas do Concílio que hoje se aprofundam.

A redescoberta do Povo de Deus como sujeito ativo na vida e missão da Igreja, proposta pelo Vaticano II, é acompanhada pela redescoberta, através do próprio Concílio, da dimensão pneumatológica da Igreja. Ouvir o Povo de Deus é escutar verdadeiramente o que o Espírito diz à Igreja. A opção de “consultar o Povo de Deus” depende desta redescoberta: se não tivéssemos a certeza de que o Espírito fala à Igreja, e o faz em virtude da unção dada no batismo, a consulta se reduziria a uma pesquisa, com todos os riscos de manipulação da opinião pública, típicos dos sistemas políticos baseados na representação. A “*conspiratio*” depende do Espírito, ou seja, a concordância na fé de todo o Povo de Deus que quisemos destacar no Documento preparatório; do Espírito depende o consenso que nutre e sustenta não só o crer juntos, segundo o sentido sempre entendido pela Igreja, mas também o caminhar juntos³⁴”.

6. CONCLUSÃO

A sinodalidade denota o estilo particular que qualifica a vida e a missão da Igreja, expressando sua natureza de Povo de Deus que caminha e se reúne em assembleia, convocado pelo Senhor Jesus no poder do Espírito Santo para anunciar o Evangelho. A sinodalidade deve expressar-se no modo ordinário de vida e obra da Igreja. Neste sentido, a sinodalidade permite que todo o Povo de Deus caminhe junto, ouvindo o Espírito Santo e a Palavra de Deus, para participar da missão da Igreja na comunhão que Cristo estabelece entre nós. Em última análise, este caminho de caminhar juntos é a maneira mais eficaz de manifestar e colocar em prática a natureza da Igreja como Povo de Deus peregrino e missionário.

Todo o Povo de Deus compartilha uma dignidade e uma vocação comuns através do Batismo. Todos somos chamados em virtude do nosso Batismo ser participantes ativos na vida da Igreja. Nas paróquias, pequenas comunidades cristãs, movimentos e associações leigas, comunidades religiosas e outras formas de comunhão, mulheres e homens, jovens, crianças e idosos, estamos todos convidados a ouvir uns aos outros para ouvir os impulsos do Espírito Santo, que vem guiar nossos esforços humanos, infundindo vida e vitalidade na Igreja e nos levando a uma comunhão mais profunda para nossa missão

33 - DOCUMENTO PREPARATÓRIO PARA O SÍNODO 2021-2023: Por uma Igreja sinodal. Comunhão, participação e missão. (<https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2021/09/07/0540/01156.html#PORTOGHE-SEOK>)

34 - DOCUMENTO PREPARATÓRIO PARA O SÍNODO 2021-2023: Por uma Igreja sinodal. Comunhão, participação e missão. (<https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2021/09/07/0540/01156.html#PORTOGHE-SEOK>)

no mundo embarca neste caminho sinodal, devemos nos esforçar para nos firmar em experiências de autêntica escuta e discernimento no caminho de se tornar a Igreja que Deus chama-nos a ser.

Nesta perspectiva, a sinodalidade é muito mais do que a celebração de reuniões eclesiais e assembleias de bispos, ou uma simples questão de administração interna na Igreja; Indica o modo específico de viver e agir da Igreja Povo de Deus que se manifesta e realiza concretamente seu ser comunhão no caminhar juntos, no encontro em assembleia e na participação ativa de todos os seus membros em sua missão evangelizadora.

A sinodalidade deixou de ser apenas um “tema da moda” e tornou-se critério decisivo para a vitalidade e a credibilidade eclesial no nosso tempo. Num cenário global marcado por polarizações, cansaço institucional e profundas mudanças culturais, a Igreja redescobre que só avança com segurança quando caminha junto, escutando atentamente o *sensus fidei* do Povo de Deus, discernindo comunitariamente e assumindo corresponsabilidade missionária. A sinodalidade, portanto, não é um adorno pastoral: é o modo concreto de ser Igreja como corpo vivo, aberto ao Espírito, capaz de ler os sinais dos tempos com lucidez e responder a eles com criatividade evangélica.

No contexto atual — em que novas vulnerabilidades humanas emergem, em que a cultura digital remodela relações e em que a fé enfrenta desafios inéditos — a prática sinodal revela-se um laboratório de comunhão e conversão. Ela impede que a Igreja se feche em autorreferencialidade, amplia o horizonte da missão e favorece processos de escuta que devolvem dignidade e voz aos que mais precisam. Esse estilo eclesial fortalece a unidade, purifica tensões e impulsiona caminhos mais transparentes, participativos e corresponsáveis.

Assim, a relevância da sinodalidade hoje está precisamente em renovar a identidade da Igreja como comunidade peregrina, onde todos — pastores, consagrados e fiéis leigos — se reconhecem discípulos-missionários que caminham na mesma direção. Ao valorizar o diálogo, o discernimento e a participação real de todos, a Igreja se torna mais fiel ao Evangelho que anuncia e mais preparada para enfrentar os desafios do nosso tempo com esperança, coragem e profunda confiança na ação do Espírito Santo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja**, 70a (https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_po.html#Os_testemunhos_dos_Padres_e_a_Tradi%C3%A7%C3%A3o_no_Primeiro_Mil%C3%AAnio)

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **O Sensus Fidei na vida da Igreja**, (https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20140610_sensus-fidei_po.html#Cap%C3%ADtulo_3:_O_sensus_fidei_fidelium_na_vida_da_Igreja_)

PAPA FRANCISCO. **Missa matutina na capela Santa Marta** (<https://www.vatican.va/content/>

[francesco/es/cotidie/2013/documents/papa-francesco_20131109_agua-iglesia.html](https://www.vatican.va/content/francesco/es/cotidie/2013/documents/papa-francesco_20131109_agua-iglesia.html))

PAPA FRANCISCO. Carta del Santo Padre Francisco al Pueblo de Dios que peregrina en Alemania (https://www.vatican.va/content/francesco/es/letters/2019/documents/papa-francesco_20190629_lettera-fedeligermania.html)

PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia (https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html)

PAPA FRANCISCO. Comemoração do cinquentenário da instituição do sínodo dos bispos. Discurso do santo Padre Francisco, 17 de Outubro de 2015 (https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html)

PAPA FRANCISCO. Angelus, 28 de Outubro de 2018 (https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2018/documents/papa-francesco_angelus_20181028.html)

PAPA FRANCISCO. Sínodo dos Bispos. XV Assembleia geral ordinária: Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. Documento final, 27 de Outubro de 2018, (https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20181027_doc-final-instrumentum-xvassemblea-giovani_po.html)

PAPA FRANCISCO. Carta de apresentação do itinerário sinodal aprovado pelo Papa Francisco na audiência concedida ao Cardeal Mario Grech, secretário geral do Sínodo dos Bispos, 24 de Abril de 2021 (<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2024/documents/20240222-lettera-card-grech.html>)

PAPA FRANCISCO. Discurso do Papa Francisco aos membros da Comissão Teológica Internacional, 29 de Novembro de 2019 (https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/november/documents/papa-francesco_20191129_commissione-teologica.html)

DOCUMENTO PREPARATÓRIO PARA O SÍNODO 2021-2023: Por uma Igreja sinodal. Comunhão, participação e missão. (<https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2021/09/07/0540/01156.html#PORTOGHESEOK>)

ROUTHIER, Gilles. Évangile et modèle de sociabilité. In: **Laval Théologique et Philosophique** 51/1 (1995) 69.

LUCIANI, Rafael; NOCETI, Serena. Colegialidad, sinodalidad y eclesialidad. Un camino para profundizar en la recepción del Vaticano II. In: **New Life** 3220 (2021) 24-30.